



Luzes da Teosofia

© 2019 – Conhecimento Editorial Ltda

Luzes da Teosofia – Vol. 6

Autores diversos

Todos os direitos desta edição reservados à
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.
Rua Prof. Paulo Chaves, 276 – Vila Teixeira Marques
CEP 13480-970 — Limeira — SP
Fone/Fax: 19 3451-5440

www.edconhecimento.com.br
vendas@edconhecimento.com.br

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio — eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação — sem permissão por escrito do editor.

Organizador: Edilson Almeida Pedrosa
Projeto gráfico: Sérgio Carvalho
Ilustração da capa: Banco de imagens

ISBN 978-85-7618-482-9
1ª Edição – 2019

- Impresso no Brasil • Presita em Brazilo
- Produzido no departamento gráfico da

Conhecimento Editorial Ltda
grafica@edconhecimento.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Luzes da Teosofia – Vol. 6 / Organizado por Edilson Almeida Pedrosa — Limeira, SP : Editora do Conhecimento, 2019.

172 p. (Teosofia: A força da Verdade)

Diversos autores
ISBN 978-85-7618-482-9

1. Teosofia 2. Ciências ocultas 3. Espiritualidade 4. Filosofia I. Pedrosa, Edilson Almeida

19-1914

CDD – 130

Índices para catálogo sistemático:
1. Ciências ocultas : Esoterismo

Autores diversos

Luzes da Teosofia

Volume 6

1ª edição
2019



“Eu sou Aquilo” tem que significar não somente que o homem e o divino são um e não dois. Também tem que significar que “Eu” sou a rocha, a planta, o animal, o pecador, o santo, cada fato cotidiano de minha vida e da vida do mundo. Especialmente tem que significar, posto que somos homens e temos limitações humanas, que aquilo que os homens rejeitam por ser algo “desagradável”, a luta, a dor, a decepção ou o fracasso, são também a unicidade e, por isso, são “eu mesmo.”

C. Jinarajadasa

Conteúdo

Prefácio	9
Por que não devemos comer comida animal? C. G. Kaji.....	12
Os perigos do ocultismo Franz Hartmann	26
Paulo, o oponente gnóstico de Pedro – Não um apóstolo do cristianismo histórico Gerald Massey	35
A Teosofia geralmente indicada William Q. Judge.....	70
A ciência investiga a reencarnação Regina Medina.....	78
A maior de todas as guerras B. P. Wadia.....	83
Castas na Índia Damodar K. Mavalankar	88
Ação psíquica e noética H. P. Blavatsky	95
Os doze signos do zodíaco T. Subba Rao	122

Carta para uma mulher cuja mãe morrera	
Robert Crosbie	134
O que um teósofo tem obrigação de não fazer	
H. P. Blavatsky	137
Contos assombrosos de Blavatsky	
Das Terras Polares (Uma história de Natal).....	144
Biografia	
Damodar K. Mavalankar	149
Curiosidades Teosóficas	
A diferença entre alma e espírito	158
O que acontece com as pessoas que cometem	
suicídio?	161
A busca do verdadeiro instrutor espiritual	168
Índice dos artigos até agora editados - Vol. 1.....	170
Índice dos artigos até agora editados - Vol. 2.....	170
Índice dos artigos até agora editados - Vol. 3.....	171
Índice dos artigos até agora editados - Vol. 4.....	171
Índice dos artigos até agora editados - Vol. 5.....	172

Prefácio

Um livro aberto é um cérebro que fala; fechado, um amigo que espera; esquecido, uma alma que perdoa; destruído, um coração que chora. – Tagore

A teosofia é o acervo de conhecimentos das causas da existência de tudo no Universo retido por um grupo de seres extraordinários chamados adeptos, cujas mentes estão em perfeita sintonia com a Mente Universal. Além da busca incessante pelo conhecimento e sabedoria universais, as doutrinas teosóficas firmam-se também nos preceitos do amor, da fraternidade e do não egoísmo. É nesse manancial infinito e eterno da verdade, do amor e da sabedoria universais onde se assentam todas as religiões e encontra-se a essência dos sistemas filosófico-religiosos da antiguidade. A teosofia unifica, explica e harmoniza filosofia, ciência e religião, e o exame apurado da literatura teosófica autêntica deixa transparecer claramente essa concordância fundamental.

O movimento teosófico moderno, fundado por H. P. Blavatsky e Henry Steel Olcott, no último quartel do século XIX, espalhou-se pelo mundo e tem se tornado cada vez mais conhecido na atualidade. Grande parte do sucesso dessa nova corrente de pensamento deve-se à notável obra escrita deixada por Blavatsky, a qual se coloca como um dos capítulos mais destacados da criatividade humana. Percebe-se naquele magnífico edifício literário uma espantosa demonstração de talento, erudição, inspiração, visão profética, profundidade

espiritual, constituindo-se um fenômeno inexplicável que ainda choca e surpreende a mente da maioria das pessoas que entram em contato com ele. A grandiosa obra de Blavatsky compõe-se não apenas dos muitos e importantíssimos livros que publicou, mas também de numerosos artigos editados por vários periódicos e que formam, em seu conjunto, um acervo monumental. Boris de Zirkoff, sobrinho de Blavatsky, colecionou notas, diários, artigos, cartas, bem como todos os seus livros publicados, perfazendo uma coleção, em 14 volumes, que foi denominada *The Blavatsky Collected Writings* e totaliza mais de 8000 páginas.

Além de todo esse rico material provindo da fundadora, que contém ensinamentos valiosos, com suas instruções particulares, inclusive as que ela transmitiu depois de 1888 aos membros da Seção Esotérica da Sociedade Teosófica, os atuais teósofos dispõem de uma quantidade volumosa de livros, pesquisas e artigos elaborados por teósofos notáveis de grande erudição e espiritualidade, sendo alguns deles companheiros de primeira hora dos fundadores da Sociedade Teosófica e outros que se destacaram em fases subsequentes de desenvolvimento e expansão da teosofia pelo mundo, inclusive na atualidade. Só para lembrar alguns nomes, podemos citar, dentre dezenas de outros igualmente importantes: A. P. Sinnett, William Q. Judge, H. S. Olcott, Annie Besant, T. Subba Rao, C. W. Leadbeater, G. R. S. Mead, Gerald Massey, Franz Hartmann, Ernest Wood, C. Jinarajadasa, Arthur A. Powell, N. Sri Ram, Geoffrey Hodson, Gottefried de Purucker, Boris de Zirkoff, Clara M. Codd, P. G. B. Bowen, Geoffrey Farthing, N. Bhashyacharya, R. B. Holt, Parabolanus, Frederick Hockley, Geo. C. Williams, Ianthe Hoskins, A. L. Pogosky, Bhagavan Das.

Após quase 150 anos da fundação da Sociedade Teosófica, ocorrida em 1875, a tremenda produção literária dos teósofos e pesquisadores vinculados, discípulos ou não dos mestres de sabedoria, especialmente os milhares de artigos produzidos, encontram-se à disposição dos estudantes de filosofia esotérica na forma de livros e outras publicações ou até mesmo na internet. Porém, quase tudo se encontra redigido em línguas estrangeiras, especialmente a inglesa, o que di-

ficulta enormemente para os pesquisadores e buscadores da vida espiritual de língua portuguesa com desconhecimento de outros idiomas.

Há, por conseguinte, grande demanda a ser suprida por mais publicações na nossa língua que exponham integralmente o pensamento dominante e as tendências atuais que derivam dos ensinamentos valiosos da Sabedoria Antiga. A **EDITORA DO CONHECIMENTO** espera agora que esse anseio possa ser satisfeito com a publicação da presente série de volumes do selo 'Luzes da Teosofia'. A profícua produção literária sob a forma de artigos produzidos por Blavatsky e os mais destacados teósofos do passado e da atualidade serão disponibilizados, a cada mês, sob o formato de livros, numa série sem prazo determinado para terminar. A Editora espera que essa antologia do conhecimento divino, exposta magistralmente por qualificados pesquisadores da verdade eterna, possa se constituir num roteiro seguro de acesso ao conhecimento esotérico.

Os teósofos caracterizam-se especialmente por serem livres pensadores. Desde a sua fundação, a Sociedade Teosófica, apesar de ter o seu corpo doutrinário, nunca impôs aos seus membros renúncia às crenças particulares e aos ensinamentos e dogmas de suas religiões, a única exigência é com a prática da fraternidade e o respeito mútuo. De sorte que não se deve esperar nos textos apresentados nesta série ora lançada inteira coerência e concordância uns com os outros, pois cada autor teosófico tem o direito de expressar livremente o pensamento de qualquer escola a que esteja vinculado, mas jamais o de menosprezar opiniões opostas à sua ou de forçar qualquer pessoa a aceitar os seus pontos de vista.

Por que não devemos comer comida animal?^[1]

por C. G. Kaji

Tradução: Edilson A. Pedrosa

A comida sustenta a vida em todo o Universo. É, portanto, tão digna de consideração quanto a própria vida. Todo o Universo está cheio de vida. A comida como nutriente é a mesma vida que a vida nutrida. A seleção de alimentos é, portanto, apenas uma seleção de vida ou vidas para nutrir a vida. Uma vez que a vida deve ser nutrida, e como só a vida a nutrirá, a melhor comida será a que beneficiará mais o nutrido e prejudicará menos o nutridor.

O nutrido, como também o nutridor (alimento), é um ser, uma existência no Universo. Ambos são vida, como dito acima. A vida implica em e é mantida pela mudança. Onde quer que haja vida, há obrigação de mudar. Essa mudança, enquanto mantém alguma vida, envolve o fim de uma outra vida. Assim, a vida e a morte andam de mãos dadas neste Universo de vida. O que nutre morre para que os nutridos possam viver. Em outras palavras, a comida morre para que o ser alimentado possa viver.

Com essas observações preliminares, começaremos com a consideração dos alimentos mais adequados para os seres humanos. Um ser humano é um organismo complexo. Ele é composto de seu corpo físico, seu prana, sentidos, *manas*, *buddhi*

[1] Título original: *Why Should We Not Eat Animal Food?* Em *The Theosophist* – Vol. XXI, n° 1, October 1899, p. 20. http://www.iapsop.com/archive/materials/theosophist/theosophist_v21_n01_october_1899.pdf.

e alma, ou *atma*. Para falar em termos filosóficos, ele é a Realidade encerrada em cinco corpos ou *kosbas*, a saber, começando do mais grosseiro, temos os seguintes *kosbas*: *annamaya*, *pranamaya*, *manomaya*, *vijndnamaya* e *anandamaya*.

A forma vem em primeiro lugar, e a individualidade do ser manifesta-se primeiramente no ponto mais alto de *manas*, que é nem mais nem menos do que os *samskdras*^[2] do ser individualizado que vem à manifestação. O *manas* reúne experiência do mundo objetivo. O resultado de uma encarnação é transformado em *samskdra*, que determina a próxima encarnação.

Assim, um homem é o que os seus *samskdras* fizeram dele, e como seu *samskdra* é novamente o que ele fez, um homem é quem fez a si mesmo. Seu *manas* é a manifestação de seu *samskdra*, e tem dentro de si as potencialidades dos sentimentos, paixões e emoções com as quais ele se permitiu ser influenciado no passado. Isso limita seu ser e sua existência, e foi ele mesmo quem determinou esse limite. Com experiência e juízo maduro, ele vem a saber que aquilo que seja uma vez acreditado como sendo a felicidade torna-se uma fonte de dor para ele. Começa a sentir o fardo de seus apegos, seus amores e ódios e percebe sua própria imperfeição. Ele se empenha por sua própria felicidade e perfeição. Libertar-se da causa do sofrimento e assegurar a remoção do que o limita torna-se objetivo de sua vida. Seus *samskdras* são o que o limita, e seu apego a eles é o que leva à infelicidade. A remoção deles torna-se seu objetivo e dever. Estes *samskdras* nada mais são que sensações que foram mais ou menos modificadas e organizadas em conceitos quando ele, como um ser autoconsciente, emergiu de sua natureza animal. O desenvolvimento dessas mesmas sensações atingiu seu clímax no despertar de sua autoconsciência.

Sem autoconsciência, não poderia haver inteligência, razão e ideia de si mesmo – esta inteligência, razão e ideia do eu

[2] *Samskdra*, que se escreve *samskâra* ou *sanskdra*, significa na filosofia hindu as “impressões deixadas na mente pelas ações individuais ou circunstâncias exteriores e suscetíveis de serem desenvolvidas em alguma ocasião futura favorável e ainda num nascimento futuro. O *sanskara* designa, portanto, os germes de propensões e impulsos procedentes de nascimentos anteriores, para serem desenvolvidos nesta ou em futuras encarnações.” Ver Glossário Teosófico (Ed. Ground Ltda). (NT).

que foram amadurecidas pela experiência o levam a realizar o bem-estar de sua personalidade. Assim, o desenvolvimento de sensações para as quais a evolução animal contribuiu foi essencial para ajustá-lo à realização do bem-estar de si mesmo que ele agora almeja.

Seu *samskdra*, que foi constituído em diversas encarnação, determina o limite do si mesmo e revela sua própria imperfeição. Seu alvo é atingir a perfeição. É a expansão do seu eu ainda limitado que ele procura. As sensações organizadas em conceitos limitam-no. Ele deve rompê-los se quiser alcançar o seu objetivo. A autoconsciência irá sendo transformada em consciência universal. O “eu” individualizado e limitado perceberá, então, sua identidade e unidade com todo o Universo. O eu se desenvolverá e se expandirá em direção ao eu universal, abarcando em si todos os seres. O que estava latente na consciência animal tornar-se-á plenamente desenvolvido. O homem que chegou a esse estágio é um iogue perfeito.

Mais adiante, há ainda um estado superior ao qual um iogue visa e está atento. Mas isso não diz respeito à questão em pauta, a saber, a consideração da comida que melhor se adapta aos seres humanos e que mais tende ao bem-estar deles. Seu próprio bem-estar, todo ser humano tem isso no coração, e seu bem-estar consiste na expansão de seu ser até seu limite extremo. Chega ao seu clímax ao atingir o estado de um iogue, como explicado acima.

O “eu” autoconsciente e individualizado só pode intentar conscientemente a expansão de seu eu. As limitações que ele procura remover são os produtos organizados resultantes das evoluções mineral, vegetal e animal através das quais o que agora se chama de “eu” individualizado e autoconsciente teve de passar até tornar possível o seu próprio ser. Estes produtos fizeram possível o seu ser. Eles formam novamente as limitações que ele procura remover. O que era essencial para trazê-lo ao ser, serve agora como um impedimento ao seu bem-estar. Estes produtos formam agora a sua natureza como um ser individualizado. Ao procurar removê-los, ele deseja uma mudança. Mudança significa vida. Enquanto houver vida, haverá mudança. Para realizar esta mudança, portanto,

o ser individualizado deve viver. Para viver, ele deve ter alimentação ou comida. A natureza da comida deve ser tal que lhe permita viver e, ao mesmo tempo, não frustrar o seu objetivo, a saber, a expansão de seu eu pela remoção do que o limita. O alimento, enquanto sustenta sua vida, não deve aumentar as limitações ou dificultar sua remoção.

Toda espécie de alimento que o ser humano individualizado pode selecionar para si mesmo virá de um ou outro dos quatro reinos da natureza: mineral, vegetal, animal e humano. Os produtos que o limitam são igualmente derivados dos mesmos quatro reinos através dos quais, ao vir a ser, o presente ser individualizado teve que passar em seu curso evolutivo. Assim, a comida que ele terá que selecionar estará mais ou menos relacionada com os produtos que ele pretende remover.

Para entender a natureza dos produtos que ele busca remover e para julgar se um alimento em particular ajudará ou retardará sua remoção, será proveitoso um breve esboço da evolução mineral, vegetal e animal.

Cada átomo do mineral é uma vida. Assim é também toda célula vegetal e animal. A vida do mineral está no átomo. Ele manifesta-se apenas em sua forma. A prova disso é vista no processo de cristalização. Cada molécula é uma vida independente por si só. O mineral se agarra à sua forma. A similaridade da vida em duas ou mais moléculas une-as em uma massa. Mas a vida da massa é a vida de suas moléculas constituintes. Recebe impressões de fora, mas não assimila nenhuma. O espaço, ou o aspecto *jada*,^[3] no mineral superou completamente o aspecto *chaitanya*,^[4] que tem seu desempenho limitado ao extremo. Neste estado mais denso, não responde a irritação, isto é, na presença de impactos externos, preserva a sua forma particular.

Impactos fortes e repetidos na vida mineral, martelando a *chaitanya* enclausurada e provocando-lhe vibrações repetidamente, geram uma espécie de hábito ao qual ela começa a responder e adaptar-se, acomodando-se a tais impactos. Quando

[3] Segundo o *Glossário Teosófico*, *jada* significa: "Inconsciente, estúpido, apático." (NT).

[4] No *Glossário Teosófico*, encontramos a seguinte definição para a palavra *chaitanya*: "Inteligência, consciência, mente, pensamento, alma pensante, luz do espírito." (NT).

esse estágio é alcançado, o mineral é transformado no vegetal. A *chaitanya* tem um desempenho mais desimpedido. O átomo mineral evolui para uma célula vegetal. O mineral nele está em uma forma mais sutil que permite que a *chaitanya* responda à irritação externa. A *chaitanya* vibrante que trabalha na célula vegetal evoluiu a partir da molécula mineral, enquanto determina a forma e a vida de uma célula vegetal individual, une células similares e, funcionando dentro de todas elas, modela-as num todo complexo. Esta vida, funcionando nas várias células vegetais e mantendo-as numa certa relação mútua, determinando seu crescimento, decadência e regeneração e formando a vida da planta como um todo, é o aspecto *chaitanya* que se manifesta no que corresponde ao *pranamaya kosha*^[5] do ser humano. Assim, o *pranamaya kosha*, ou a potencialidade da existência imediatamente acima e mais sutil que o físico, é despertado com a evolução do vegetal. Concomitantemente ao seu despertar, a matéria mineral tornou-se suficientemente organizada para constituir o corpo da célula vegetal. Quando está constituindo o corpo da célula vegetal, ela não apenas recebe as vibrações, como fez ao constituir o átomo mineral, mas transmite-lhes energia que joga para dentro, a qual se torna modificada e atua na composição da própria célula. Essa obrigação da energia na célula vegetal de ser influenciada por impactos externos e de influenciar a forma e o funcionamento da própria célula marca o despertar do *pranamaya kosha*. Para falar em outras palavras, a evolução do vegetal despertou a energia trabalhando a matéria sutil que estava latente no átomo mineral e que irá construir o *pranamaya kosha* no corpo humano.

Encontramos as células no vegetal não apenas em justa-posição e funcionando independentemente umas das outras, mas há uma vida que faz o funcionamento de cada célula-vida individual trabalhar em harmonia consigo mesmo, contribuindo assim para a preservação da integridade da planta. Com a evolução do vegetal vem o elemento de cooperação das células individuais para um propósito comum. Além da mera existência física a que se restringia o mineral, desenvolve-se a sensi-

[5] *Pranamaya kosha* – segundo a classificação vedantina, é o prana (vida) junto com o seu veículo, que é o corpo astral, ou *linga sharira*. Ver *Glossário Teosófico*. (NT).

bilidade (inconsciente) no vegetal. A vida coordenadora no vegetal, através das células mais ou menos organizadas dele, é susceptível de ser irritada por choques externos e faz com que as células cooperem em conformidade umas com as outras.

A constante e repetida irritação de natureza semelhante gera uma tendência estabelecida no funcionamento da vida vegetal para responder mais prontamente a um tipo de irritação do que a outro. O germe da sensação que caracteriza a evolução animal está nessa tendência sedimentada.

Quando um tipo particular de irritação está tão assentado que gera um centro, por assim dizer, que influencia a vida vegetal, uma forma mais alta e sutil de energia é despertada. Essa centralização da vida vegetal marca o início da vida animal com sua sensação, ou corpo *kâmico*, que forma a parte inferior da qual resulta o *manomaya kosha*^[6] do corpo humano. A energia do aspecto *chaitanya* tem um desempenho mais livre aqui do que na vida vegetal correspondente ao *pranamaya kosha*. É o despertar do *chaitanya* funcionando em um estado mais sutil da matéria. O *pranamaya kosha*, ou vida vegetal, é organizado em um molde particular sobre o qual se formam as células vegetais. Elas estão tão organizadas que, na presença de um tipo particular de irritação, são postas numa vibração que transmitem ao *kosha*, ou o plano de matéria mais sutil do que aquele em que trabalha a vida vegetal, a qual não mais comanda o funcionamento das células, mas que apenas executa as ordens do mestre distante. Quando o centro está firmemente formado, e o *pranamaya kosha*, ou a vida vegetal, e as células individuais, assentados em uma vibração particular em obediência ao centro dominante, qualquer irritação discordante encontrará resistência das células, do *pranamaya kosha* e do centro dominante. A resistência se mostrará na perturbação da harmonia das vibrações e será telegrafada ao centro governante, que sentirá

[6] *Manomaya kosha* (sânscrito) – termo vedantino que designa algo equivalente ao *manas* dual (superior e inferior) da filosofia esotérica, ou seja, os quarto e quinto princípios do homem. “É a alma animal juntamente com as partes inferiores do princípio intelectual, ou seja, o invólucro do Eu composto pela mente inferior e pelo princípio ou local das emoções e paixões, a união do corpo mental com o corpo passional (alma animal, ou corpo astral, como outros denominam).” Ver *Glossário Teosófico*. (NT).

a desarmonia como dor e se esforçará, através do *pranamaya kosha* e das células, para resistir e remover a causa perturbadora. Enquanto assim resiste à desarmonia, corteja e atrai harmonia e sente prazer. Todo centro formado no corpo *kâmtico* é o desenvolvimento da sensação.

Com a evolução do animal ocorre o despertar da consciência e da sensação de dor e prazer. Cada sensação, significa dizer que aquilo que era meramente irritação na evolução vegetal, estabeleceu-se e moldou-se num centro particular com o despertar do corpo *kâmico*. Toda irritação que se harmoniza com um determinado centro é assimilada e organizada nele.

A evolução animal não vai além da consciência de harmonia e desarmonia das irritações e dos impactos externos, bem como da regulação do *pranamaya kosha* na busca da harmonia e evitação da desarmonia nas células que constituem o corpo físico. O impacto externo causa dor ou prazer, o animal sente isso e se esforça para evitar o primeiro e buscar o último, não obstante o impacto continue em relação ao corpo e permaneça vibrando as células, o *pranamaya kosha* e o centro de sensação no corpo *kâmico*. Cessando a relação e diminuída a vibração, o animal deixa de ter qualquer preocupação com ela, ou qualquer experiência de dor ou prazer. Assim, ele se preocupa mais com a vibração irritante que é transmitida ao centro de sensação do que com aquilo que causa essa vibração. Sua consciência não percebe a relação entre duas sensações consecutivas produzidas pelo mesmo objeto. A natureza animal pura consiste apenas em estar consciente dos contatos individuais. Contatos frequentes e repetidos da mesma natureza acostumam o centro de sensações a responder automaticamente a eles, até que fique tão intensamente sensível que uma mera visão ou o menor toque da causa irritante, que antes não era tão facilmente respondida, seja suficiente para despertar a sensação. Esse é o desenvolvimento do que é chamado instinto animal. E em alguns dos animais superiores, o instinto é tão agudo e desenvolvido que chega muito perto do *manas* humano. O germe da sensação e da consciência do animal está, como no vegetal, respondendo automática e inconscientemente à irritação; assim, no instinto do animal,

encontra-se o germe do *manas* autoconsciente do homem.

Impactos frequentes e repetidos no centro de sensação estabelecem uma espécie de relação entre a sensação e a sua causa, até que a própria aproximação da causa, mesmo antes do contato real, seja suficiente para despertar a sensação no animal. Quando alguma sensação em particular é despertada repetidamente em um animal, ela imprime seu próprio selo, por assim dizer, em todo o animal. É o começo do caráter, pelas sensações que estão sendo organizadas num centro superior. Este centro concentra sensações similares ou algo comum a muitas outras. Está num plano mais alto e mais sutil que o corpo *kâmico*, ou da sensação. Este plano é o plano de *manas*, onde as sensações são organizadas. As sensações perceptivas centralizam-se num pensamento ou conceito que rege e modifica o corpo *kâmico*, o *pranamaya kosha* e as células físicas e imprime sua marca em todas elas. Com o desenvolvimento de tais centros de pensamento, começa a evolução humana de *manas*. No momento em que esse estágio de evolução é alcançado, as células físicas, o *pranamaya kosha* e o corpo *kâmico* avançam um passo em sua respectiva organização e, como agora estão organizados, vibram tanto na presença de impactos externos, que transmitem suas vibrações ao plano mais sutil de *manas*, quanto respondem ao impulso que vem dele. Sensações assim organizadas e centralizadas são conceitos. Os conceitos formam o caráter do ser humano, são a sua essência. Eles o distinguem de todos os outros seres. Aqui começa o ser individualizado. Quando o *manas* desperta com a centralização das sensações em conceitos, a consciência animal se desenvolve em autoconsciência do ser humano individualizado. Seus conceitos são o que ele assimila em seu ser. Eles o limitam e distinguem do resto. Sua resultante é o *samskdra* que no momento da encarnação se diferencia nos conceitos originais e molda seu *manas*. O ser humano durante qualquer vida fortalece, muda ou modifica seus conceitos anteriores e, assim, gera novos *samskdras* para futuro nascimento. Isso continua, nascimento após nascimento. Quando o ser individualizado percebe a limitação que seu próprio *samskdra* lhe confere e tenta a expansão de seu eu pela remoção que

o limita, ele se esforça para libertar-se daqueles *samskdras*, abandonando-os completamente. Como um ser humano individualizado, quando mais nenhum *samskdra* é deixado para limitá-lo, ele alcança o estado de iogue e percebe sua unidade com o Ser Universal.

Para conseguir isso, o ser individualizado quer tempo e vida. Para a vida ele precisa de nutriente ou comida. Isso leva à consideração da comida que ele deve selecionar para realizar seu objetivo.

Como já foi dito acima, qualquer alimento que ele possa selecionar para si mesmo precisa vir de um ou outro dos quatro reinos da natureza. Sua vida no plano além de *manas* é sustentada pela força de seu *samskdra*, que se manifesta como *manas* com seus conceitos. Seus conceitos, como foi dito, determinam o limite de sua vida. O universo objetivo, que é o seu campo de ação, torna-se relacionado a ele através de seus conceitos, ou *manas*, diferenciando-se como sensações do corpo *kâmico*, que vibram o *pranamaya kosha* e lançam as células de seu corpo físico na vibração correspondente. Estas sensações, por sua vez, são o meio que o coloca em contato com o universo externo. E elas estão suficientemente organizadas para transmitir, através de suas vibrações, impactos externos à região de *manas* e aos centros conceituais onde a autoconsciência individualizada as conhece.

Ao selecionar o alimento, o principal objetivo da vida do ser humano deve ser sempre mantido em mira, qual seja, a expansão de seu eu pela remoção de suas limitações.

Consideremos primeiro a carne dos seres humanos – evidentemente a mais próxima da vida que necessita ser nutrida. Cada átomo de alimento está vibrando com os conceitos, as sensações e as irritações do ser de quem a comida vem. O ser individualizado que deve ser nutrido requer matéria de vários graus de sutilidade para reabastecer o uso e desgaste que continuamente ocorre em seu corpo físico, no *pranamaya kosha* e nos seus corpos *kâmico* e *manásico*. O antropófago utiliza para sua comida a matéria nessas várias formas que existem no ser humano. Mas, ao mesmo tempo, ele obterá a matéria com certas vibrações organizadas que nela foram impressas